

LAVADEIRAS DE ROUPA DO RIO: GEOGRAFIA HUMANISTA E MEMÓRIA.

Nádia Sampaio¹

RESUMO

O pensamento humanista se expressa na valorização do espaço vivido, visto como lugar significativo e valorizado. Nessa perspectiva, o homem não apenas vê, mas atribui valor as coisas que o cercam, e no bojo dessa relação é que está a sua apreensão do espaço. Assim, pode-se falar da memória social que permite a transmissão das tradições por meio das experiências compartilhadas ao longo dos anos, bem como a produção dos sentidos que são compartilhados, como um processo ativo e dinâmico, fruto das relações de poderes já instituídos que constrói aquilo que reconhecemos como parte da cultura humana e promove a manutenção da própria vida das lavadeiras do rio Pardo no sudoeste da Bahia.

Palavras-chave: Geografia Humanista. Memória social. Lavadeiras de roupa.

ABSTRACT

The humanist thought is expressed in the appreciation of the lived space, seen as significant and valued place. In this perspective, the man not only sees, but assigns value things that surround you, and in the midst of this relationship is that it is his understanding of space. Thus, one can speak of social memory that allows the transmission of traditions through shared experiences over the years as well as the production of meanings that are shared, as an active and dynamic process, the result of power relations already in place that builds what we recognize as part of human culture and promotes the maintenance of life of laundresses Pardo river in southwestern Bahia. Thus, social representations produced in carrying out mediation sharing of the senses, as raw material constitutive of social memory.

Keywords: Geography Humanist. Social memory. Lavadeiras clothes.

Introdução

Ao lançar um olhar sobre a constituição de um determinado grupo social e as características que o mesmo imprime no espaço em que habita, observa-se que são nas relações triviais do cotidiano nas quais são construídos os laços afetivos, os símbolos, os códigos de conduta, as práticas culturais, estabelecendo dessa forma os vínculos de pertencimento e determinando uma dinâmica que promove identidade e territorialidade.

Uma das ideias base da Geografia, ressaltada, sobretudo, pela Geografia Humanista, é o fato de que a superfície terrestre é constituída por um todo no qual se têm situações variadas, apresentadas tanto nas paisagens naturais e artificializadas como nas comunidades que as compõem. Assim, uma das

¹ Professora de Geografia do Instituto Federal da Bahia – Campus Vitória da Conquista.

premissas que rege e que constituem a base da discussão humanista na Geografia refere-se ao princípio das idiossincrasias a respeito dos territórios, paisagens e lugares. (ROCHA, 2007, p. 22)

Os elementos constitutivos que constroem esses grupos, de tanto exercidos, se transformam em conduta social, atos da prática coletiva que regem o cotidiano por anos e anos. Ao lembrar desse modo de vida e a maneira de se comportar, agir, viver em comunidade, permite-se a formação de uma memória coletiva que, neste caso, os ribeirinhos do rio Pardo, representada pelas lavadeiras de roupa do rio, atentamente é lembrada, vivenciada e contada, a fim de que não se perca a história da origem de muitas das mulheres que fortalecem essa memória social com potencial de transformar e inovar as maneiras de viver e estar no mundo, criando novos formatos de vida social. Para o desenvolvimento do trabalho utilizou-se da pesquisa qualitativa e em aspectos necessário para a elaboração do mesmo, tais como: Primeiramente, partiu-se da observação das lavadeiras no seu dia-a-dia, seu vai e vem, suas linguagens, quando elaborou-se um diário que retratava a paisagem do rio Pardo, seus símbolos que caracterizam aquele ambiente e as lavadeiras do Pardo. A segunda fase foi pautada na aplicação de entrevistas semiestruturadas.

Na terceira e última etapa realizou-se a análise e avaliação das entrevistas com destaque para a apreensão da paisagem e a fusão com a memória construída na experiência diária, suas tradições, costumes e realizações cotidianas. As falas foram transcritas e usadas como citação, algumas delas não serão identificadas, pois não se obteve autorização para divulgação dos autores.

Geografia humanista

A Ciência Geográfica vem se mostrando como um campo do conhecimento que busca compreender o mundo e suas contradições veiculadas com as relações sócio espaciais, apropriação e uso do ambiente. No decorrer do tempo, a Geografia passou por inúmeras e grandes transformações, uma vez que acompanhou as mudanças que estavam sendo realizadas na sociedade. Incessantemente insistindo no desafio da compreensão do espaço ao estabelecer explicações e respostas, e na construção de novos parâmetros que permeiam a interface entre sociedade e suas relações que por ora também são mutáveis.

A Geografia, como as diversas ciências ao longo do processo de construção e desenvolvimento, evidenciou-se por diferentes formas de perceber, pensar e refletir os fenômenos sócio espaciais durante a produção do pensamento geográfico, incluindo os procedimentos metodológicos que são essenciais nessa continuidade. São variadas as linhas de pensamento que norteiam o estudo geográfico e são as bases do desenrolar da mesma. Nesta dinâmica, a Geografia Humanista, surge simultaneamente com a Geografia Crítica e se torna uma importante escola da Ciência Geográfica. Aparece na década de 1970, e seu principal enfoque está no fato de o homem ser contemplado mediante sua percepção de mundo.

O pensamento humanista se expressa na valorização do espaço vivido, visto como lugar significativo e valorizado. Os Geógrafos humanistas buscaram analisar a relação homem natureza por intermédio da valorização do lugar como o conceito chave. Nessa perspectiva, o homem não apenas vê, mas atribui valor as coisas que o cercam, e no bojo dessa relação é que está a sua apreensão do espaço.

A Geografia Humanística reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição. A Geografia Humanística não é desse modo, uma ciência da terra em seu objetivo final. Ela se entrosa com as Humanidades e Ciências Sociais no sentido de que todos compartilham a esperança de prover uma visão precisa do mundo humano (TUAN, 1980, p.143)

Os estudos abordam, sobretudo, a percepção que as pessoas e os grupos sociais têm do lugar, observando que existe diferença de percepção entre os indivíduos. Com isso cada sujeito tende a agir de maneira diferenciada nos lugares, de acordo com os valores sobre o mesmo, e ações que refletem no espaço social. A denominação Geografia Humanista justificava-se pelo fato de estudar os sentimentos, valores, significados e propósitos do homem no espaço em que vive. O lugar é caracterizado como aquele em que o sujeito se familiariza e integra, ele faz parte de seu mundo e relaciona-se com as afinidades afetivas que as pessoas desenvolvem com ele.

A Geografia Humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento ou as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão de mundo, que expressa através de suas atividades e valores para com o quadro ambiente. É o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona [...] o lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância

afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas. (CRISTOFOLETTI, 1982, p. 22)

A Geografia Humanista percebe o homem como um elemento em constante comunhão com o ambiente e modificando tanto a si próprio como o seu meio. Abarca a interação segundo a percepção do indivíduo e ao transmitir tal compreensão, preocupa-se em permitir ao homem se revelar. Apoiada na fenomenologia a Geografia Humanista, se pautou em verificar a apreensão das essências, pela percepção e intuição das pessoas e utiliza como ferramenta fundamental a experiência vivida e adquirida pelo indivíduo.

A fenomenologia nasce no início do século XX com a obra *Investigação Lógicas*, de Edmund Husserl (1858-1932). [...] Para Husserl, a Fenomenologia era uma forma totalmente nova de fazer filosofia, deixando de lado especulações metafísicas abstratas e entrando em contato com as “próprias coisas”, dando destaque à experiência vivida. (MOREIRA, 2006, p. 62)

A fenomenologia busca ampliar inexoravelmente a compreensão da realidade, sempre tentando apreendê-la na sua totalidade e então promove destaque para a percepção dos fatos socioambientais e a intersubjetividade do pensamento humano que abarca o mundo vivido. O estudo fenomenológico centrado na percepção desse mundo e, no caso da Geografia, em seu seguimento cultural por meio da experiência humana individual, dá sentido ao espaço percebido e de vivência e as suas perspectivas topológicas como abordagens na estruturação de uma Geografia fenomenológica. Abordagem que privilegia padrão sequencial que se inicia pela sensação, percepção, estética do lugar, e na sequência uma decodificação, descrição e comunicação no espaço local.

No início do século XX com Edmund Husserl desenvolve-se a fenomenologia moderna que se consolida como uma linha de pensamento. Com ele, a expressão fenomenologia passou a ter um significado totalmente novo e segundo Dartigues (1992) Husserl define a fenomenologia como sendo a *ciência dos fenômenos*, sendo o fenômeno compreendido como aquilo que é imediatamente dado em si mesmo à consciência do homem. Moreira (2006, p. 41) considera que “a fenomenologia é definida como a filosofia das essências”. A fenomenologia husserliana chega à geografia também nos anos 1970, porém, não como uma fenomenologia das essências, mas como uma fenomenologia existencial (Buttimer, 1985; Holzer, 1996; Nogueira, 2004), uma visão de fenomenologia mais afeiçoada à filosofia de Maurice Merleau-Ponty (1908-1982).

Perfila o seu terreno a Geografia da Percepção (Corrêa, 2001), a Geografia Humanista (Mello 1990; Holzer, 1993) e a Geografia Cultural (Corrêa, 1999), além da Geografia histórica (Mcdowell, 1995), quatro versões derivadas das matrizes norte-americanas criadas por Sauer, aprofundadas por Yi-Fu Tuan nos anos 1970, com estes últimos chegando a matriz fenomenológica.

O termo fenomenologia deriva de duas palavras de raízes grega: *phainomenon* (aquilo que se mostra a partir de si mesmo) e *logos* (ciência ou estudo). Portanto, etimologicamente, Fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno, em seu sentido mais genérico, entende-se tudo o que aparece que se manifesta ou se revela por si mesmo. (MOREIRA, 2006, p. 63)

Ao considerar que o fenômeno é o objeto da investigação fenomenológica a premissa básica passa a ser a elucidação do seu significado, uma vez que a Terra é constituída por uma totalidade e o ser humano experiencia diversas situações que se apresentam nas paisagens, tanto naturais e artificializadas, produzidas pela sociedade que as compõem. A fenomenologia se propõe a estudar as experiências concretas do homem e encontrar nessas uma orientação que supere a simples sucessão de fatos.

A fenomenologia tem a ver com os princípios e as origens do significado e da experiência. É concernente a fenômenos tais como ansiedade, comportamento, conduta, religião, lugar e topofilia, que não podem ser compreendidos somente através da observação e medição, mas que devem primeiramente ser vividos para serem compreendidos como eles realmente são. ((ROCHA, 2007, p. 23)

Para tanto, o estudo fenomenológico é centrado no ser humano, mais detidamente na análise do significado e relevância da experiência humana. Desejam desvendar os signos, os significados do mundo vivido que estão impregnados nas paisagens que são compostas pelo homem, pelos grupos humanos e que torna possível interrogar e interpretar o mundo que o circunda. A trajetória desse estudo tem a finalidade de estabelecer um contato direto com o fenômeno vivido pelo sujeito pesquisado, então é fundamental entender o discurso, fixar a descrição do sujeito a fim de aproximar-se cada vez mais das subjetividades, dos significados nas práticas ali exercidas para o entendimento do mundo experimentado.

Memória social e as lavadeiras de roupa do Rio Pardo.

Neste ínterim, cabe lembrar que é necessária a compreensão a respeito da memória coletiva, uma vez que no estudo Fenomenológico é imprescindível a interseção entre a visão do homem, da coletividade e seus laços, das afetividades,

simbologia, símbolo, lembranças que traçam os aspectos fundamentais da valoração dos lugares. Halbwachs (2006) aponta que a memória coletiva traz em si mesmo a memória que um determinado grupo engloba e revela como estes se identificam. É no contexto dessas relações que se constroem as lembranças e elas estão impregnadas das lembranças dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências.

Assim, é necessário que haja marcas, símbolos da própria existência do grupo, do coletivo para que essa memória seja sempre reconstruída e memorizada, a fim de que a memória social se torne um constituinte da própria vida. A memória é contextualizada, não como algo meramente individual, mas como um processo social, que depende das pertencas e redes sociais dos indivíduos. Nessa perspectiva, recordar algo é muito mais do que simplesmente reproduzir fato, pois trata-se de um processo de reconstrução seletivo e parcial.

Segundo Pollak (1992), a memória social é um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a transformações constantes. Ela transmite a cultura local herdada e é constituída por acontecimentos vividos socialmente. Nessa ótica, são três os elementos que servem de apoio à memória: os acontecimentos vividos, as pessoas e os lugares.

O caráter social da memória resulta de vários fatores: o processo de recordar é social, dado que a evocação das recordações é feita a partir de dicas de contexto; os pontos de referência que cada indivíduo utiliza para codificar e armazenar recuperar informação é definido socialmente; e a memória individual não poderia funcionar sem conceitos, ideias, imagens e representações que são socialmente construídos e compartilhados. Reconhecer o caráter social da memória não implica pressupor uma uniformidade nas recordações, já que cada indivíduo é ativo no processamento da informação. Como ressalta Halbwachs (2006, p.69) “diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”.

Cada indivíduo recorda fatos diferentes e de um modo não uniforme e grupos sociais desiguais em face de um mesmo acontecimento reconstrói em memórias diferentes. Na compreensão dos quadros coletivos da memória é necessário ter como ponto fundamental a questão tão discutida na Geografia, a leitura do tempo e do espaço.

Para tanto, é imprescindível a compreensão dos fatores históricos, pois não existe espaço sem tempo, posto que nas paisagens estejam contidos objetos passados e presentes, e estão indiscutivelmente ligados à memória e a identidade dos grupos humanos, para o esclarecimento do momento atual.

Qualquer forma de destruição, alteração da configuração pode significar a morte e/ou o (re) surgimento de outra. Afinal, a paisagem não se traduz apenas, mas é, sobretudo, como uma criação humana da qual contém a marca de uma sociedade sobre um território. “A paisagem é, então, por essência, um ponto, ou mais exatamente, um processo de interface ao mesmo tempo sujeito e objeto, natural e cultural, individual e social”. (BERTRAND, 2007, p.270).

A memória é uma construção social, produzida pelos homens a partir de suas relações, de seus valores e de suas experiências vividas. Ela sofre transformações à medida que o tempo passa, a história dos indivíduos toma um novo rumo. Assim, pode-se dizer que a memória não é apenas um registro histórico dos fatos, mas uma combinação de construções sociais passadas, com fatores significantes da vida social do presente, sendo permanentemente reconstruída.

Lavadeiras de roupa do Rio Pardo

A memória social dos ribeirinhos do rio Pardo, aqui retratada pela figura das lavadeiras de roupa do rio, se revela cotidianamente, pois essas mulheres buscam rememorar suas histórias, as histórias de seus antepassados e reconstruindo as práticas sociais que criam uma maneira própria de viver uma realidade ligada com as práticas coletivas do passado. Curiosamente as lavadeiras que cuidam das roupas das famílias em que acumulam também a atribuição de empregadas domésticas, lavam as roupas das suas famílias no rio Pardo e elas afirmam: “É a melhor parte do meu trabalho, aqui a gente se encontra, conta nossos casos, lembra das famílias da gente que eram ribeirinhos, canta e encanta com esse rio, pois o rio é vida”, afirma M. T de 70 anos e que há 25 anos trabalha como lavadeira.

Ela e outras alegremente comentam que essa função proporciona rotineiramente, o contato com as águas do Pardo. Vários são os motivos que as conduzem a irem à busca dessas águas: falta de água encanada em algumas residências, algumas comentam que mesmo tendo água tratada em suas casas preferem lavar a roupa no rio, uma vez que isso favorece uma redução de valor nas contas de água, ou por falta de depósito para armazenamento (tanques, caixas d’água, etc.); deficiência do serviço público de

abastecimento; incremento na renda familiar, mas também, o prazer de estarem com outras lavadeiras de roupas. Para elas, esse é um momento de socialização, das cantorias de refazer os repentes, de lembrar práticas culturais ribeirinhas e reviver o que experimentaram ainda meninas.

Caminham juntas até chegarem à margem desse manancial; algumas conversam, e outras silenciosas, mas quase sempre tomam conta dos seus filhos que são levados para ajudarem na luta diária. Enquanto algumas chegam, outras estão saindo. No decorrer da lavagem as cercas são utilizadas como varais onde colocam a roupa molhada para secar, utilizam também a vegetação próxima para “deixar a roupa de molho” e poucas delas levam a roupa lavada para serem estendidas em suas residências, pois improvisam ali mesmo. Para muitas, o rio representa uma fonte de renda, pois também usam a água com o intuito de economizar na conta de água no final do mês conforme apresentadas nas figuras abaixo.



FIGURAS 01 ,02 e 03: Lavadeiras na prática de sua atividade no dia de domingo. Roupas colocadas na cerca para secar.
Fonte: SAMPAIO, N. Pesquisa de campo, 2009

O tempo destinado a essa atividade as trazem para perto do rio, do lugar em que não deveriam ter saído; e infelizmente a produção e reprodução capitalista do espaço as conduziram para um destino incomum ao dos seus antepassados.

Nós vivemos em bairro de gente pobre e algumas de nós longe daqui; mas o rio está na cabeça da gente, professora, não tá lá não. A gente tem um jeito diferente de viver, mas se acostuma com as coisas da cidade, não tem do que reclamar, pois viver por aqui tá perigoso e ainda bem que a gente achou um cantinho por lá, é alugado, mas tá bom também. A água às vezes falta, mas é coisa da cidade. E a gente vem para o rio, pois tem água à vontade. (J. T, 40 anos)

Com relação aos malefícios para a saúde quanto à poluição, a opinião das lavadeiras é unânime e consideram que “não vê problema estarem dentro do rio porque

a água não fica suja porque é corrente” ou “pode ser suja porque tem esgoto, só que está escorrendo pela corrente do rio e a sujeira não acumula”; “é perigoso para quem toma banho, mas não para quem só molha das canelas para baixo como nós”, apontando total desconhecimento dos malefícios da poluição das águas.

A percepção das lavadeiras é permeada pelo uso e utilidade das águas do rio Pardo. Consideram que todo material de trabalho, tais como: caixas vazias de sabão em pó, vasilhames de alvejantes ou restos de sabão deixados nas pedras, não poluem, “pois desce com a água e não fica empatando a água descendo”. A beira do rio contém restos desses materiais deixados por elas. Definem o rio como algo saudável, divino ou uma dádiva de Deus, bem como um lugar para descontração por ser um ambiente coletivo e promotor da interação entre as mulheres que ali lavam roupas.

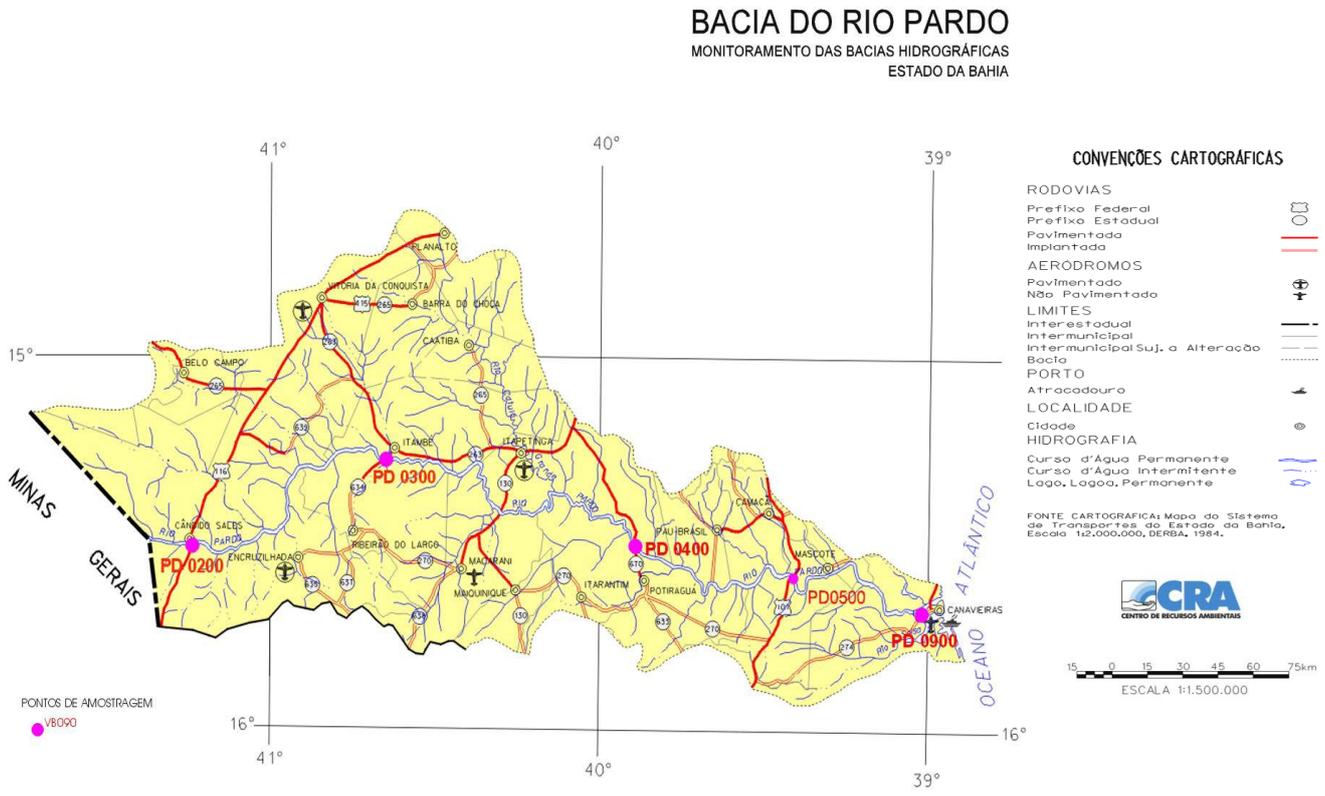


FIGURA 01: Mapa da Bacia do rio Pardo

As memórias aqui descritas manifestam as relações simbólicas, o formato social produzido pelas lavadeiras, as hierarquias, as posições sociais, criando e fortalecendo sentimento de identidade de grupo. O sentido da identidade consiste nestes arranjos e rearranjos constantes dos vestígios, dos fragmentos de acontecimentos passados. A memória é, por natureza, fragmentada, mas a recriação de um mundo anterior é

importante para o fortalecimento das relações sociais, para a constituição de um todo, de um sentimento de pertencimento comum, onde o passado deveria ser visto como algo acabado, porém como um tempo possível de ser ressignificado, a partir do presente em direção ao futuro.

Considerações finais

Para tanto, nota-se que a Geografia Humanista busca intensamente a leitura intrínseca entre o homem, a coletividade e o espaço vivido, bem como estes dão sentido ao seu lugar de existência. Nessa leitura geográfica, abre-se o leque para a constituição da memória social que advêm das diversas maneiras de experienciar o espaço que é determinado e analisado diferentemente por grupos distintos, e essa análise não só depende da materialidade, da objetividade, do que é apenas aparente, mas, e, sobretudo, do imaterial que proporciona os laços afetivos, as simbologias, as significações e identificação com o local de existência ou do acontecer de momentos rotineiros, do exercício das tradições como é o caso do rio Pardo no Sudoeste da Bahia.

Assim, consideram-se os que ribeirinhos resistentes são encontrados na figura das lavadeiras de roupa, ainda que não tenham plena consciência disso. No exercício de lavar a roupa no rio Pardo “fora” do expediente de seus trabalhos domésticos, reinventam as práticas realizadas que há muito tempo eram exercidas pelas mulheres ribeirinhas do passado. Para elas o *estar junto* para a lavagem das roupas, é um dado fundamental, pois consiste num convívio que assegura a manutenção de resquícios de uma cultura que já teve momentos de força e solidez. Ao relembrar as músicas, as cantorias, ao caminharem unidas para o rio demonstram que mesmo diante de profundas mudanças no modo de vida ribeirinho, a preservação dessa atividade, entre vários motivos, reflete na sobrevivência de tradições que mantém viva as lembranças de uma comunidade tradicional que vivia às margens do rio Pardo.

Mediante a exposição, é fundamental que a memória social das lavadeiras de roupa do rio Pardo seja resgatada com a finalidade de resguardar o passado e saber reconhecer no futuro, as marcas impregnadas na paisagem do rio que foram realizadas com a força de mulheres que lavavam roupas e alguns ainda o fazem à beira do rio, uma vez que parte constituída de suas vidas foi forjada nessas águas e as mantêm na força desse manancial.

Referências

BERTRAND, Georges. **Uma geografia transversal e de travessia: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Organizador Messias Modesto dos Passos. Maringá: Massoni, 2007.

CRISTOFOLETTI, Antônio. As perspectivas do estudo geográfico. In: CRISTOFOLETTI, Antônio (Org). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.
ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: História, conceitos e uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RA'EGA**. Curitiba. Editora UFPR, nº 13, p, 19-27, 2007.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** Tradução de Maria J. G. de Almeida. São Paulo: Editora Moraes, 1992.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006

MOREIRA, Rui. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

POLLAK, Michael. (1992). **Memória e Identidade Social**. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 5 (10), 200-212.

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia Humanista: História, conceitos e uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **RA'EGA**. Curitiba. Editora UFPR, nº 13, p, 19-27, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia – Um estudo da percepção e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.